

RÉU CONFESSO AN ADMITTED CRIMINAL

E. R. Henriques¹

Sou explosivo; porém, brilhante. Dependendo de uma série de elementos, dou um show de cores vibrantes. Em combinação com o sódio, fico da cor do sol; com o bário, pareço mais um vegetal. O magnésio me empresta um brilho metálico, e o potássio me torna quase celestial. De largura, tenho algumas polegadas e posso ser lançado a uma altura de trezentos a seiscentos metros. Como sou muito potente, por questão de segurança, devo subir, de preferência, seiscentos metros antes de pensar em explodir.

Essa explosão colorida causa espanto, alegria, êxtase e, em alguns, medo. De emoção, brilham os olhinhos das crianças, enquanto os pais, receosos, tentam protegê-las de meu poder e de minha imprevisibilidade. Eu, no entanto, me divirto enquanto subo, assobiando e, de repente, me abro numa explosão rápida e magnífica antes de me reduzir a faíscas, que, pouco a pouco, viram cinzas, dissipando-se no vazio.

Durante meus poucos minutos de vida, viajando a grande velocidade, percorro espaços, observando, às vezes atentamente, o que vejo. Daqui de cima, sou capaz de ver pessoas, animais e objetos e, às vezes, consigo até captar alguns sentimentos mais óbvios (alegria, tristeza, raiva, indiferença), através de meu olho clínico (o que ninguém imaginaria possível). Minha visão alcança distâncias, como a imensidão do mar que se mescla com o céu, no horizonte distante, agora negro.

Durante a explosão, que vai terminar daqui a pouco, atiro, em espaços de tempo cronometrados, rajadas de luz (e muito calor) pelos ares, em chuvas multicoloridas. Como fui lançado a apenas trezentos metros de altura, vejo os três palcos ao longo da praia, onde cantores e bandas famosas irão alegrar as primeiras horas do ano que se aproxima. Daqui, consigo também ver nitidamente o povo lá embaixo. Quem mais me chama a atenção é um

¹ Em 1978, M. A. e em 1982, Ph. D., University of North Carolina at Chapel Hill, N.C., U.S.A.; de 1983 a 2004, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Professor Associado; de 2002 até o presente, professora da PUC-Minas Virtual (Curso de Especialização de Inglês). Artigos e livros publicados, na área de Linguística Aplicada e, mais recentemente, contos e poemas. erh.again@yahoo.com

casal bem clarinho, que destoa das pessoas bronzeadas à sua volta. São praticamente os únicos que não estão de branco nessa longa e famosa praia carioca. Parecem muito jovens; são esbeltos, elegantes e de pele muito clara. Ele usa uma boina vermelha e amarela, bem visível daqui de cima, e ela se veste toda de vermelho e tem uma flor branca no cabelo.

O casal, ao que parece, não está se divertindo nada com meu espetáculo pirotécnico. Estão calados, sérios, distantes. Para impressioná-los, resolvo, de repente, jogar minhas cores com mais força a ponto de assustar a moça, que dá um pulo para trás. Ele, ao invés de acolhê-la, recua para não se tocarem (eu imagino). Nesse momento, percebo que o problema não é comigo.

Mesmo assim, um pouco irritado, planejo outra investida. Decido explodir mais perto para ver a reação dos dois ou, talvez, para enviar-lhes uma mensagem. Finjo subir, o que leva todo mundo a prender a respiração. Atentos, todos (e mudos) me observam; muitos até de boca aberta. Inesperadamente, começo a me projetar pelo espaço com grande violência, ao som de um “oooooooohhhhh” em uníssono, que parece ter sido ensaiado. Tenho a ligeira impressão de que, intuitivamente, aquelas pessoas já sabem que eu acabei de cometer um erro de cálculo. Eis que, de repente, eu não consigo me controlar e me abro numa explosão violenta sobre a multidão, provocando um reboliço incontrolável, como o estourar de uma boiada. Instala-se o caos: gente correndo, caindo, tropeçando e pisoteando os outros. Apavoradas, muitas crianças perdem de vista os seus pais; mães, filhos, todos em completo alvoroço.

E eu me vejo totalmente estilhaçado. Partes de mim se encontram grudadas nos braços e nos rostos de muita gente, que, com queimaduras, gritam de dor. Enquanto ainda consigo pensar, me recrimino por ter ido tão longe, por ter arriscado essas vidas em prol de um capricho. Sem moral, arrasado, mergulho no meu nada. Não tenho nem tempo, nem condições de me retratar; só posso lamentar. Rapidamente, a polícia surge e ameaça apreender toda a minha família. Agora, penso, todos serão destruídos, massacrados impiedosamente, sem ao menos terem sentido o prazer de ver os olhos brilhantes das crianças.

Com minha visão totalmente prejudicada pela fumaça de meus próprios estilhaços, que se vêem por todos os lados, só consigo vislumbrar, através de algumas faíscas ainda acesas, os vultos das pessoas se atropelando na praia. Consigo, também, ouvir as sirenes

das ambulâncias que chegam para resgatar os feridos. Minhas acrobacias inconseqüentes feriram mais de cinquenta pessoas (é o que estão dizendo).

De repente, já quase agonizando, consigo ouvir alguém dizer que houve uma morte, um homem espanhol. Já quase apagado, eu me pergunto se esse homem é aquele da “boina colorida”. Se for, posso imaginar o drama de ambos. Para ele, significaria ir embora sem ter a chance de crescer; para ela, ter de ficar sem ter podido diminuir a distância e transformar em harmonia o silêncio que se instalou entre eles. Mas, como o meu próprio tempo está, também, se esgotando, tenho que assumir responsabilidade por este acidente aqui, na praia de Copa---c---caa--ba---na ...

